

Bichos

"Minha irmã é uma pessoa de instrução, viajada e de boa cabeça. Mas acho que ela tem uma relação muito estranha com bichos. Já teve vários cachorros, gatos e até rato branco. Hoje em dia ela só tem um cachorro, que já está doente. Ela ama tanto esse cachorro que gasta uma fortuna com veterinário, além de dormir com ele e não viajar para tomar conta dele. Eu acho que bicho tem o seu lugar como bicho, e ela acha que bicho é parente. Como é que eu posso fazer com que ela entenda isso?"

– *Fernanda, Oceanside*

Você parece conhecer bem e gostar muito da sua irmã, Fernanda. Já percebeu que, na vida dela, os bichos de estimação têm um lugar importante. Para você, bichos não significam a mesma coisa do que para ela. Noto que você está ressentida com esse amor todo que ela tem pelos seus bichos. Mas, qual é realmente a questão aqui: ela que tem problema com bichos, ou você que tem problema em ver que ela os ama tanto?

Assim como as pessoas são diferentes, os motivos pelas quais elas se apegam a bichos também são diversos. Há casais, por exemplo, que não podem ter filhos, por isso tratam seus animais domésticos com uma ternura quase que paternal. Outras pessoas têm uma postura ideológica bem clara em relação a bichos – não os comem, os tratam com respeito e procuram ter uma relação, vamos dizer, mais “humanizada” com eles (mesmo sabendo que bichos não são seres humanos).

Um indivíduo pode gostar muito de animais porque isso lhe faz lembrar de uma situação positiva, ou de alguém especial: imagine uma pessoa que ame pássaros porque o seu avô cuidava de passarinhos. Nesse caso, o elo entre a pessoa e os passarinhos tem um significado muito ímpar, pois representa a memória do avô querido. Há também pessoas que não se sentem muito confortáveis com outras pessoas: são muito tímidas, ou sensíveis a críticas, e sentem que, com os seus cachorros e gatos, podem dar e receber amor incondicional, sem que se sintam julgadas.

Não sei se a sua irmã se enquadra em algum desses exemplos; com certeza, há muitas outras razões pelas quais um indivíduo investe tanto de si mesmo nos seus animais. Mas ficar imaginando as possíveis razões pelas quais ela gosta de animais domésticos faz com que o foco desse seu questionamento seja *apenas ela*.

Enquanto você questiona a relação que a sua irmã tem com bichos, eu me pergunto se você já questionou a relação de vocês duas. Pergunto isso, Fernanda, porque você se incomoda bastante com a importância que esses bichos têm na vida dela. Você percebe o quanto ela investe no cachorro (em

termos financeiros e emocionais): há esse tipo de doação entre vocês também? Vocês se ajudam, se apoiam, demonstram seu afeto com naturalidade? Vocês têm tempo uma para a outra? É possível que ela se dedique mais ao cachorro do que a você. Se for o caso, talvez a grande questão não seja o apego dela aos bichos, mas a aproximação de vocês duas. Como cultivar esse contato, essa intimidade fraternal? Se o elo entre vocês já foi forte um dia, como trazê-lo de volta?

Muitas vezes entes queridos se distanciam. A distância pode ser consequência de inúmeros fatos: de estilos de vida diferentes, de uma distância geográfica (você não mencionou se ela mora no Brasil, ou se mora nos EUA), ou de problemas que nunca foram resolvidos positivamente (fica o *distanciamento*, ao invés do *entendimento*). Trazer uma maior proximidade a uma relação distanciada é um processo gradual, toma tempo.

Faz sentido ser gradual, porque as duas pessoas estão, de fato, se “reconhecendo” com uma maior aceitação. “*Já fomos assim um dia, hoje somos diferentes*” – essa é a idéia, ao invés de: “*Você mudou e eu não aceito isso, você tem que ser igual a mim*”. Ela gosta de bicho, você não. Eu lhe pergunto: seria possível se aproximar mais dela, mesmo sabendo que ela dá importância a coisas que você não dá? Você se permitiria conversar sobre as diferenças sem comunicar intolerância?

Mas é possível que vocês duas se dêem muito bem e que sejam próximas uma da outra. Se for o caso, imagino que seja mais fácil abordar a questão num papo não-acusatório. Antes de conversar, talvez seja uma boa idéia explorar a questão individualmente: pergunte a você mesma porque a relação dela com os bichos é desagradável para você. O que te incomoda? Será que o desafio é você aceitar que as duas têm as suas diferenças? Se for o caso, será então que você deve dizer alguma coisa a ela, ou essa é uma questão pessoal? Falar, por falar, às vezes só traz ruídos. Falar, de verdade, tem que “dizer” alguma coisa com substância.

Antes de conversar sobre a “questão dos bichos” com a sua irmã, talvez seja interessante se perguntar: O que é que eu quero dizer para ela? Questionamentos sadios são questionamentos honestos e seguros, são “safe” (ou seja, sem críticas, humilhações e determinação de culpas). Boa sorte.

Esta coluna não tem a intenção de substituir um contato terapêutico profissional. Ela foi criada como ponto de partida para discussões psicológicas e comportamentais. Mandem suas perguntas para o Cantinho do Divã através do e-mail: jacquelinemft@hotmail.com

© Jacqueline Bonelli Smith, MFT 2006